

# A pré-história de Brasília

Há muitas diferenças entre Brasília e uma cidade comum. Não diremos de uma cidade qualquer. Ela porém se distingue de muitas por um punhado de coisas. E a primeira e essencial das suas características, noutras não encontradas, diz respeito à sua pré-história. E ela existe, senão Adirson Vasconcelos, num trabalho jornalístico e histórico, mais de arqueólogo do que de historiador, não teria desenterrado de passado secular os primeiros traços políticos da nova capital.

Como imaginar-se o inexistente do ponto de vista material produzir episódios, constituir-se preocupação, gerar fatos históricos? Eis-nos, então, diante do exemplo irrefutável, facilmente comprovável ter existido.

Essa pré-história seduziu Adirson Vasconcelos. Misto de baiano e goiano, calmo e refletido, deu-nos ele, agora, um livro de 375 páginas, intitulado "A Mudança da Capital", composto e revisado na sua casa de trabalho, o "CORREIO BRAZILIENSE, e impresso no Centro Gráfico do Senado Federal, sendo do autor o Copyright.

Lançou-se ele, nas suas escavações e explorações históricas nos sítios onde o terreno ostentava os sinais da existência de fragmentos indiscutíveis dos primeiros movimentos em torno da localização da Capital do Brasil.

Um *brazilianist*, desses que ostentam um PhD de famosa Universidade, cujo nome me escapa e cujo trabalho se perdeu no caótico das minhas estantes, observou que não havia no Brasil Colonial um centro de poder. Ele discutia, então, pisando areias movediças da invasão holandesa na Bahia e em Pernambuco, o processo político da ocupação e da subsequente luta para expulsão dos invasores. Não lhe ocorreu portanto, que éramos o deserto. O processo de europeização que avassalou o mundo à sombra do cristianismo, pelo ciclo das grandes navegações aqui chegara palidamente. Como era difícil dominar um Continente. Não havia pré-estabelecido um método de colonização. Tudo era vasto e enigmático campo de experimentação. Os flamengos e os franceses deixaram-nos porém, profundas marcas. Nós recebíamos por vias tranversas os reflexos da luta entre as casas reais da Europa dos Séculos XVI e XVII. Portugal e Espanha se confundiam no

período filípico. O centro de poder, por algum tempo, tinha transmigrado de Lisboa para Madrid. A guerra holandesa tomava outro rumo na hora em que se reverteu o problema político e Lisboa recuperou sua posição de *caput* do seu próprio império.

Mostra Adirson, para começo de conversa, como germinou o pensamento de interiorização da Capital. Nas dobras do manto dos inconfidentes, onde se misturavam também ouro e diamantes, o Alferes Joaquim José da Silva Xavier voltou a face da conspiração para São João del Rei. Mas não passaria de uma vontade, uma sugestão mais impregnada do sentimento político da hora presente, com laivos de oposição ao colonizador, do que mesmo a realização de um objetivo, parte de uma estratégica de sentido nacional.

Hipólito José da Costa melhor enfocou a idéia. Não era a pura e simples mudança. A interiorização era também a integração, que melhor definia a substância política do seu projeto. Mudança houve da Bahia para o Rio de Janeiro. Os vice-reis tinham encanto pela paisagem carioca. Não seria apenas a transferência da sede do governo. Havia conotações de maior relevo nos ideais do redator do "Correio Braziliense" londrino. Washington constituiu-se para ele o exemplo vivo e absoluto de uma determinação política, servia-lhe de incentivo. Mas a capital da primeira República do hemisfério, um ato de sabedoria política, não se revestia de propósitos estratégicos, ao tempo da sua construção, em termos de segurança nacional, como ele imaginava para o Brasil. Há uma diferença entre a nossa geografia política e a dos Estados Unidos. Eles se tornaram independentes e conquistaram em seguida grandeza territorial. O processo de expansão territorial americano foi conseqüente. Eles conquistaram e se apoderaram das áreas continentais disponíveis. A América do Norte a ela incorporou as terras devolutas ao seu alcance. Ou comprou-as. Ou, simplesmente, tomou-as.

Nisto está a nossa diferença. Não houve esbulho no arrebentamento da linha política de Tordesilhas. Alexandre de Gusmão, na sua genialidade, antecipou-se à dificuldade e forjou no Tratado de Madrid de 1713 o instrumental de ação diplomática com que

Rio Branco, século e meio depois, riscava no chão Sul-Americano a nossa área territorial e definia-lhe as fronteiras.

Dois motivações, tudo indicam, aguçaram a imaginação da interiorização. A primeira delas está povoada dos fantasmas de Villégagnon, Dougay-Trouin, La Ravardière e os almirantes e generais flamengos. A navegação corsária era tão lícita quanto a guerra de conquista em terra firme. Dai o mar ter sido sempre olhado pelos brasileiros da costa como uma fronteira inimiga. Ditava a interiorização em primeiro lugar, o sentimento instintivo de preservar-se o centro de poder.

Num segundo movimento, este nos parece os verdadeiros estímulos de maior influência nos espíritos de Hipólito e Bonifácio, foi a necessidade de integração territorial. Entre a posse e o domínio pleno e absoluto, ia uma longa e difícil caminhada de ordem política. Os caranguejos de Frei Vicente de Salvador não ajudavam na defesa do tesouro territorial conquistado. Varnhagen, com maior objetividade, como mostra Adirson Vasconcelos, adotaria uma posição de convergência para as teses dos seus antecessores. Importantes, nessa altura do trabalho conhecer-se, pelo resumo que o livro oferece, o famoso "Memorial Orgânico" que o historiador redigiu, não de orelhada, mas de ver e sentir o problema da construção de uma nova Capital para o Império.

Em 1877 (importante a data, pois ela corresponde a um ano extremamente crítico para o Brasil, aquele em que pela primeira vez a seca no Nordeste provocou uma calamidade pública) Varnhagen, contando já 61 anos, chega até essas paragens, onde nós hoje nos assentamos, para escolher a dedo o chão onde Lúcio Costa, em 1956, riscou o mapa do Plano Piloto. Clima, rios, ar, comunicação, tudo viu Porto Seguro, Visconde do Império.

Esta a pré-história de Brasília, seus fundamentos mais remotos. As Constituições do Império e as republicanas acolheram as sugestões mudancistas. A de 1946, com maior ênfase, encontrou como seu primeiro executor o General Eurico Dutra. Esse ponto não tem merecido muita atenção dos historiadores de Brasília. A missão Poli-Coelho e, logo em seguida, a atuação do General José Pessoa na escolha do

sítio da futura Capital constituíram atos mais fundamentais para a construção de Brasília do que a pedra fundamental lançada perto de Planaltina no dia 7 de setembro de 1922, a mando de Epiácio Pessoa.

Se a pré-história de Brasília, facilmente identificável em reais e absolutos documentos, recomendava a sua construção, a sua história, esta a presente, dos nossos dias, reforçava a idéia. O idealismo de Hipólito, José Bonifácio e Varnhagen se encaminharia para um terreno indiscutivelmente realista. A partir da gestão Dutra o que se discutia não era mais a interiorização como meio de proteger o território ou colocá-lo longe dos canhões marinheiros. As fontes do sentimento de insegurança para o Estado passaram a ser outras, ainda nebulosas, mas já delineadas, com os seus contornos se definindo. O Plano Cohen de 1937, dizia o velho e genial general Pedro Aurélio de Góes Monteiro, se serviu para calçar de argUMENTOS o Golpe de 10 de Novembro de 1937, melhor advertência foi quando expôs a fragilidade da segurança do Governo no Rio. E o velho Góes, quando lhe perguntavam os repórteres das sete horas da manhã, na rua Adolfo Lutz, nos confins da Gávea, como realizar tão enorme tarefa, respondia: "Que primeiro mudem para a nova Capital o Tesouro Nacional. O restante irá de carrinho de mão."

Faltava nas livrarias e nas bibliotecas uma história de Brasília, das origens políticas, as mais remotas, enraizadas no sentimento nacional nascentes do Brasil Colônia. Adirson Vasconcelos, com o seu jeito de goiano e baiano, mistura boa e de boa consideração, ofereceu-nos uma obra didática e que, certamente, estará, amanhã, nas mãos dos meninos das nossas escolas. A interiorização, idéia original, digamos mesmo a fonte geradora da idéia, o movimento de integração nacional, que teve na marcha para o Oeste o seu primeiro estímulo, seguiu-se, por fim, o problema da segurança nacional. Este último, sim, é que se tornou afinal a motivação do projeto e que teve em Juscelino Kubitschek o seu executor genial.